

Banco do Brasil apresenta e patrocina

# ENCONTROS CCBB SOBRE ACESSIBILIDADE DIGITAL



# APRESENTAÇÃO

O Banco do Brasil apresenta e patrocina os Encontros CCBB Sobre Acessibilidade Digital, com início no mês em que é celebrada a Conscientização Sobre Acessibilidade (20 de maio).

A iniciativa, totalmente online e gratuita, promove o debate e os princípios de uma Web inclusiva, disponibilizando oficinas práticas com o objetivo de desencadear diálogos sobre acessibilidade digital e capacitar profissionais envolvidos na produção de conteúdo e criação de plataformas digitais, especialmente no âmbito da cultura e das artes.

Com o intuito de ampliar a divulgação desse conhecimento, todos os debates e oficinas previstos nos Encontros CCBB Sobre Acessibilidade Digital contam também com a participação de palestrantes e instrutores com deficiência e recursos indispensáveis como Libras, estenotipia e audiodescrição.

Com a realização deste projeto, o CCBB, sempre à frente na construção de um pensamento crítico e no comprometimento com a produção cultural, contribui para a conscientização de toda a sociedade brasileira sobre a importância de uma comunicação inclusiva e para todas as pessoas.

**Centro Cultural Banco do Brasil**

# ACESSIBILIDADE, PALAVRA-CHAVE NA VIDA COTIDIANA E NA WEB

Uma temática complexa como a acessibilidade exige uma abordagem também complexa. Ao tratar desse assunto, devemos considerar que ele interessa não apenas às pessoas com deficiência, mas também à sociedade como um todo. Sua complexidade e abrangência pedem uma introdução, ainda que breve.

Propomos pensar de forma ampla essa questão antes de tratarmos da Web inclusiva, tema principal dos *Encontros CCBB Sobre Acessibilidade Digital*, que se iniciam no dia 20 de maio, Dia Mundial da Conscientização sobre Acessibilidade.

# ÍNDICE

<b>UM POUCO DE HISTÓRIA</b>	<b>5</b>
<b>NOVAS TECNOLOGIAS, NOVOS DESAFIOS E PANDEMIA</b>	<b>8</b>
<b>ACESSIBILIDADE NA WEB: UM BICHO DE SETE CABEÇAS?</b>	<b>10</b>
<b>A RESPOSTA DO CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL</b>	<b>12</b>
<b>QUEM É QUEM</b>	<b>14</b>
<b>CRÉDITOS</b>	<b>22</b>



# UM POUCO DE HISTÓRIA

## UM POUCO DE HISTÓRIA

Em 2009, como resultado de um significativo rearranjo na estrutura do Estado brasileiro, a Coordenadoria para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência passou a se chamar Subsecretaria Nacional de Promoção de Direitos da Pessoa com Deficiência, subordinada à Secretaria de Direitos Humanos, à época com status de ministério.

Além da escalada na hierarquia, a mudança procurava incorporar definitivamente a ideia de que havia direitos a serem promovidos e que as pessoas não “portavam” deficiência, mas “tinham” deficiências que precisavam ser levadas em conta tanto pelo Estado quanto pela iniciativa privada. Isso significava se preocupar com o fornecimento de equipamentos como cadeiras de rodas, apoios para cabeça, lupas e aparelhos auditivos pelo Sistema Único de Saúde. Era preciso se atentar também para o cumprimento do direito a cotas nas empresas com mais de 100 funcionários, previsto na legislação que estava em vigor desde o início dos anos 1990.

O Censo de 2010 indicou no país a existência de cerca de 45 milhões de brasileiros e brasileiras com algum tipo de deficiência (sensorial, motora e cognitiva),

sendo mais de 12 milhões de natureza severa. As mudanças apontadas acima no tratamento da questão acabaram por enfatizar dois aspectos fundamentais quando se pensa em inclusão: ela não se completa de uma só vez nem beneficia apenas as pessoas com deficiência. Implementar os direitos das pessoas com deficiência é uma tarefa permanente, necessária, passível de se realizar e se traduz em bens coletivos, usufruídos inclusive por pessoas que não têm nenhuma deficiência. Ela também exige atenção constante para as transformações na sociedade e no meio.

Por exemplo, pensemos na rampa de uma calçada, em tese feita para adequar o piso ao tráfego de cadeiras de rodas. Quando uma rampa é construída, essa particularidade significa um custo de planejamento e de materiais. No entanto, não só quem utiliza cadeira de rodas: os carrinhos de bebê, por exemplo, também ganham mais segurança e comodidade para circular. O que é feito para os cadeirantes e tem efeito central na mobilidade deles torna mais segura a travessia de bebês.

Outro caso bastante comum, nem sempre analisado em sua real dimensão: quando uma pessoa com

## UM POUCO DE HISTÓRIA

deficiência consegue um emprego regular, com carteira assinada e direitos garantidos por lei, a previdência social ganha um contribuinte. E a sociedade ganha alguém capaz de colaborar para o bem comum com sua força de trabalho.

Os estigmas têm de ser vencidos e quando eles são superados a deficiência deixa de ser uma barreira para algumas pessoas e passa a ser um acréscimo bastante positivo para toda a sociedade.

Quem tem mais de 40 anos há de se lembrar da exclusão a que eram submetidas as crianças que nasciam com Síndrome de Down. Era comum que essas crianças deixassem a escola após os primeiros anos, tendo, a partir daí, sua educação limitada a centros de acolhida exclusivos para a deficiência. Hoje, o cenário

para pessoas com Down é completamente diferente. A presença de pessoas com síndrome de Down começa a ser comum, inclusive no ensino superior, e no mercado de trabalho, graças a avanços médicos, inclusive garantidos pelo SUS, como a realização de cirurgias cardíacas precoces, e à ação das escolas, sobretudo públicas.

Para encerrar a lista de exemplos, que seria extensa: recentemente, na cidade de Santo Ângelo (RS), a fisioterapeuta Luana Rolim de Moura tornou-se a primeira vereadora com Síndrome de Down do país, [conforme noticiou o portal UOL](#).

A essas mudanças vem se somar um fator decisivo para o incremento na construção dos direitos das pessoas com deficiência: o avanço tecnológico.

# **NOVAS TECNOLOGIAS, NOVOS DESAFIOS E PANDEMIA**



## **NOVAS TECNOLOGIAS, NOVOS DESAFIOS E PANDEMIA**

Para ficarmos em um único caso: tecnologias recentes permitem ouvir um texto originalmente feito para leitura, o que amplia enormemente a quantidade de materiais acessíveis a pessoas com deficiência visual. Profissionais sem visão que hoje têm acesso a livros e outras publicações especializadas podem se qualificar com muito mais informação sobre a sua área de atuação, garantindo um ganho de produtividade que favorece a empresa em que trabalham e, no fim da linha, o consumidor que adquire seus produtos ou serviços.

No entanto, esses mesmos avanços tecnológicos colocam desafios e impõem o enfrentamento de novas barreiras.

É nessa confluência que se insere a questão principal desse evento promovido pelo Centro Cultural Banco do Brasil: como garantir que as novas tecnologias ampliem a inclusão e não acabem se transformando num aprofundamento de situações de exclusão? Em outros termos: o que pode acontecer caso não seja dada a devida atenção aos direitos das pessoas com deficiência? A tecnologia precisa ser trabalhada de forma a estar acessível a todo mundo e não apenas a uma pequena parcela da população.

Em tempos de avanço acelerado de teleconferências, em especial após a pandemia global da Covid-19, a rede de sites e aplicativos online tornou-se um componente central na vida das pessoas, não só para estabelecer contato com familiares e amigos como para trabalhar, estudar, comprar e se divertir. Uma conexão acessível pode ser a garantia de acesso a informações confiáveis, possibilidade de checagem e tantas outras ações centrais para o debate honesto e democrático. Uma rede sem essa característica afasta pessoas virtualmente capazes de exercer essas e outras atividades e acarreta prejuízo para toda a sociedade.

A pandemia tornou ainda mais evidente o que, de certa forma, já se sabia. Como explicam Míriam Célia Rodrigues Silva e José de Sousa Miguel Lopes em artigo publicado na revista *Anais do Museu Paulista*, em 2020, “Ainda que na contemporaneidade exista um significativo arcabouço legislativo e teórico com o objetivo de promover a acessibilidade – seja infraestrutural, seja tecnologicamente –, na prática as ações voltadas para este campo ainda caminham a passos lentos”.

**ACESSIBILIDADE  
NA WEB:  
UM BICHO DE SETE  
CABEÇAS?**

## **ACESSIBILIDADE NA WEB: UM BICHO DE SETE CABEÇAS?**

Quando falamos em acessibilidade na Web, partimos de um princípio universalizante.

Na esteira da definição de Jim Thatcher, um dos autores do livro *Constructing accessible websites* (Glasshauss, 2002), Janice Aparecida Pereira Rocha e Adriana Bogliolo Sirihal Duarte afirmam que uma página Web é acessível quando “(...) qualquer usuário, assistido por agentes de software ou hardware compatíveis com suas necessidades, possa entender e interagir com determinado conteúdo, tendo garantido seu direito de inclusão na sociedade, não obstante suas limitações e particularidades”.

Pensar acessibilidade, conseqüentemente, significa pensar em diferentes públicos e buscar soluções que, aparentemente desnecessárias para uma parte dos usuários, podem ser fundamentais para outra parte. Nesse contexto, estimular a construção e a disseminação de técnicas facilmente reproduzíveis, portanto, é essencial para que essa trilha passe a ser

seguida pelo maior número possível de agentes, de modo que o processo se acelere.

Para atingir esses objetivos, é fundamental difundir diretrizes e padrões de acessibilidade, a fim de que os conteúdos se tornem acessíveis a todos os usuários.

Um estudo realizado pelo Movimento Web Para Todos, em abril de 2020, indicou que apenas 0,74% dos endereços ativos na Web brasileira tiveram sucesso em todos os testes de acessibilidade aplicados.

Ao contrário do que muitos podem imaginar, no entanto, garantir esse gênero de acessibilidade não é um bicho de sete cabeças. Simone Freire, curadora convidada dos *Encontros CCBB Sobre Acessibilidade Digital*, nos explica isso com clareza: “São diretrizes internacionais, inclusive já traduzidas para o português, que estão ao alcance de qualquer profissional que queira se apropriar desse conhecimento e contribuir para transformar a web brasileira em um espaço mais inclusivo para todo mundo”.

# A RESPOSTA DO CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL

## **A RESPOSTA DO CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL**

Dia 20 de maio é o Dia Mundial da Conscientização Sobre Acessibilidade. A data foi escolhida para dar início a uma série de encontros online, promovidos pelo CCBB, que tratam de múltiplos aspectos de tudo aquilo que estamos elencando nesta introdução, enfocando a questão da acessibilidade na Web.

Ao todo são seis encontros, que não se limitam a debater os princípios de uma Web inclusiva, mas também se preocupam em promover oficinas práticas, com o objetivo de desencadear diálogos sobre acessibilidade digital e capacitar profissionais e pessoas interessadas na produção de conteúdo e criação de plataformas digitais, especialmente no âmbito da cultura e das artes.

Pensando no campo específico das artes, a situação também implica novos desafios. “Visitar uma exposição sem recursos de audiodescrição, no caso de alguém com deficiência visual, assim como participar de um debate online sem contar com a tradução para seu próprio idioma – como Libras, utilizada por pessoas surdas sinalizadas – constituem ainda situações frequentes em experiências propostas para esses públicos”, como explica a curadora Simone Freire.

Todos os debates e oficinas realizados nos Encontros CCBB Sobre Acessibilidade Digital contam também com a participação de palestrantes, instrutores e instrutoras com deficiência e apresentam recursos de acessibilidade – interpretação em Libras, estenotipia (legendas em tempo real) e audiodescrição.

Como a própria programação dos Encontros mostra, o acúmulo de conhecimento na área da acessibilidade na Web não é pequeno. Já a adequação dos conteúdos de sites, redes sociais e outras plataformas digitais ainda está longe do seu potencial.

Isso significa que, hoje, nem todo conteúdo digital está ao alcance de boa parte do público latente. Nesse sentido, a sensibilização e, sobretudo, a formação de profissionais de programação, design e de produção de conteúdo podem trazer mudanças para quem utiliza a Web – se o conhecimento é compartilhado por mais pessoas, todo mundo ganha, mesmo quem não tem deficiência. Democratizar a Web é democratizar o conhecimento, e democracia nunca é demais.

**QUEM  
É QUEM**

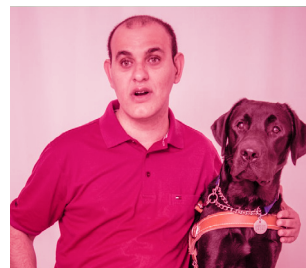
## QUEM É QUEM

### ALEXANDRE OHKAWA



Arquiteto, consultor e gestor cultural, hoje é apresentador do canal Coneckta, analista e gerente de comunidade da empresa Handtalk. Um dos idealizadores do workshop “Empatia do Silêncio”, Alexandre também é palestrante e mediador de eventos culturais relacionados a acessibilidade digital, da campanha #surdoehquemfala, embaixador da SAS (Semana da Acessibilidade Surda), do Movimento Web para Todos (WPT) e presidente da Associação de Surdos do Estado de SP - Vem Sonhar. Alexandre é surdo, sinalizado, oralizado e implantado.

### BETO PEREIRA



Sociólogo, atualmente é presidente da Organização Nacional de Cegos do Brasil (ONCB), consultor em acessibilidade e inclusão na Laramara (Associação Brasileira de Assistência à Pessoa com Deficiência Visual), conselheiro titular do Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) e membro da Comissão Nacional Intersetorial (CNI) e do Núcleo Nacional de Educação Permanente do Sistema Único de Assistência Social (NUNEP/SUAS). Beto também atua como delegado representante do Brasil junto à União Mundial de Cegos (UMC). Beto nasceu com baixa visão devido ao descolamento de retina e perdeu progressivamente a visão a partir dos doze anos de idade, até ficar cego.

### DINIZ CANDIDO



Formado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2010), com especialização em Direito e processo do trabalho (2012). Tem formação técnica em programação de computadores, atua no desenvolvimento de sites e presta consultoria na área da acessibilidade na Web e na área da audiodescrição. É técnico de Emprego Apoiado (EA) pelo Instituto de Tecnologias Sociais (ITSBrasil). Atua no Tribunal Regional Federal de São Paulo. Atua na militância pelos direitos das pessoas com deficiência, por meio de várias organizações da sociedade civil centradas na defesa de direitos. É palestrante na área da deficiência, acessibilidade, inclusão e assuntos correlatos. Diniz tem baixa visão devido à Amaurose Congênita de Leber, uma patologia rara que acomete a retina, e sempre teve aproximadamente 5% de visão em cada olho.

## QUEM É QUEM

### ERIC KLUG



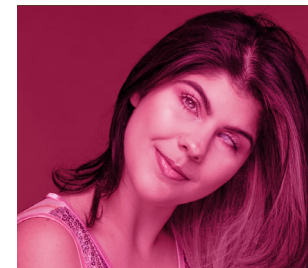
Presidente da Japan House São Paulo. Tem mais de 20 anos de experiência à frente de organizações do setor cultural como a ID Brasil, responsável pela gestão do Museu do Futebol e do Museu da Língua Portuguesa. Foi vice-diretor do British Council no Brasil, liderando projetos nas áreas de Artes, Esportes, Língua Inglesa, Educação e Exames, além de parcerias estratégicas com empresas, órgãos governamentais e agências de fomento. Eric passou também por organizações como a Sociedade de Cultura Artística, Mozarteum Brasileiro, English Chamber Orchestra, Festival From Sweden e Museum of London. Graduado em Engenharia Mecatrônica pela Universidade de São Paulo, Eric é mestre em Artes pela City University, de Londres.

### FERNANDO CAMPOS



Jornalista, palestrante e escritor. Deficiente visual, Fernando tem um canal no YouTube denominado Na Visão do Cego. Na rede, ele conta curiosidades de seu cotidiano, faz entrevistas e traz dicas para sua audiência, difundindo mensagens de inclusão, representatividade e motivação. Fernando é embaixador da acessibilidade do projeto Nosso MAM e acaba de lançar seu primeiro livro.

### ISA MEIRELLES



Isa é uma comunicóloga que transformou a deficiência em provocação. Atua na promoção da acessibilidade como recurso criativo, dirigindo conteúdos digitais para marcas. Atualmente, atua como professora de Comunicação Inclusiva e Conteúdos Acessíveis na Redesign Academy e é uma das líderes da Deficiência Tech, comunidade de inclusão de pessoas com deficiência no mercado de tecnologia no Brasil.



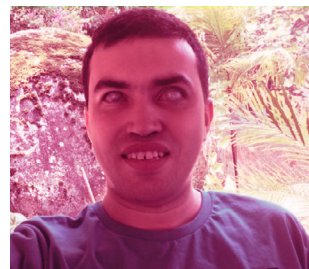
## QUEM É QUEM

### LEANDRINHA DU ART



É midiativista, escritora, colunista NINJA, militante LGBT & PCD. É CEO do Projeto Galerias, que abarca outros projetos, como @GaleriaPCD e @GaleriaTRANS. Graduada de Teologia e pesquisadora de Filosofia. Nos últimos anos, tornou-se o rosto referência nas pautas de sexualidade e gênero para pessoas com deficiência e LGBTs. Leandrinha nasceu menino e com síndrome de Larsen, que afeta o desenvolvimento dos ossos.

### LEONARDO GLEISON FERREIRA



Especialista em tecnologia assistiva da Laramara, graduado em análise e desenvolvimento de sistemas, pós-graduando em marketing, atualmente ministra aulas de educação tecnológica para jovens com deficiência visual e faz parte do grupo de especialistas em acessibilidade do CEWEB/W3C.br. Leonardo nasceu com glaucoma e enxergou parcialmente até os 15 anos, quando perdeu totalmente a visão.

### MARCOS LIMA



Jornalista, palestrante e youtuber, é o criador do canal Histórias de Cego, que atingiu mais de 275 mil inscritos e mais de 10 milhões de visualizações. Em seus vídeos, conta de forma leve e divertida o cotidiano de uma pessoa cega. Marcos se formou em jornalismo pela UFRJ e é um dos fundadores da Urece Esporte e Cultura. Amante de esportes, jogou futebol de cegos por alguns anos. Foi o primeiro cego brasileiro a esqui na neve, trabalhou na Copa do Mundo 2014 e nos jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016.

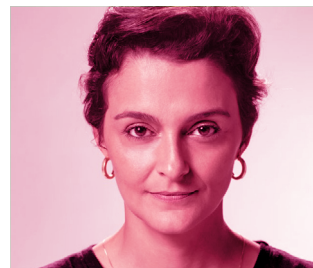
## QUEM É QUEM

### ODILON GONÇALVES



Especialista e líder técnico em design acessível do Movimento Web para Todos e integrante do Grupo de Trabalho de Acessibilidade Web do W3C Brasil. É também gerente de inovação e tecnologia no Museu da Pessoa. Tem graduação em Comunicação Social, com ênfase em Design Editorial, pelas Faculdades Integradas Rio Branco. Atua há 19 anos na área de design on e offline, com destaque para Web e acessibilidade digital. Foi gestor geral da agência Espiral Interativa por cerca de 5 anos.

### PAULA PFEIFER



Lidera a maior comunidade online de usuários de tecnologias auditivas da América Latina e escreve o blog Crônicas da Surdez desde 2010. É cientista social, escritora, empresária, palestrante e criadora de conteúdo. Recebeu o diagnóstico de deficiência auditiva bilateral neurossensorial e progressiva aos 16 anos. Após ter usado aparelhos auditivos por muitos anos, hoje usa implante coclear bilateral. Em 2013 lançou o livro Crônicas da Surdez. Seu segundo livro, Novas Crônicas da Surdez: epifanias do implante coclear, foi publicado em 2015. Ambos estão disponíveis no formato e-book, também em inglês e espanhol. No ano de 2018, o Crônicas da Surdez venceu o Facebook Community Leadership Program como Residente pela América Latina.

### SIMONE FREIRE



Fundadora da Espiral Interativa, agência de comunicação digital especializada em acessibilidade e projetos de impacto social. Idealizadora do Movimento Web para Todos, iniciativa que reúne dezenas de organizações em prol da construção de uma Web inclusiva. Graduada em Comunicação Social, com especialização em Gestão de Organizações do Terceiro Setor, integrou os boards da Abradi (Associação Brasileira dos Agentes Digitais) e Insuper/Enactus, e é membro do Grupo de Trabalho sobre acessibilidade na Web do W3C Brasil. Em 2016, foi eleita uma das 10.000 Women Goldman Sachs e, em 2018, selecionada como case internacional do programa.

## QUEM É QUEM

### VIVIANE PANELLI SARRAF



Pesquisadora colaboradora (Pesquisadora Responsável e Principal do Auxílio Jovem Pesquisador FAPESP) no IEB-USP, fez pós-doutorado em Museologia pelo PPGMus-USP. É doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, Mestre em Ciência da Informação pela ECA-USP, Especialista em Museologia pelo CEMMAE-USP. É coordenadora do GEPAM – Grupo de Estudo e Pesquisa de Acessibilidade em Museus -, fundadora e consultora da Empresa Social Museus Acessíveis, professora colaboradora e orientadora do Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Culturas e Identidades Brasileiras do IEB-USP, do MBA em Gestão de Museus da Universidade Cândido Mendes e Membro do Conselho Deliberativo do Parque Cientec-USP. Foi professora convidada do PPGMus-USP, no Curso de Especialização em Acessibilidade Cultural da UFRJ. É também criadora e curadora do Centro de Memória Dorina Nowill, da Fundação Dorina Nowill para Cegos.

**PARA SABER  
MAIS**

**PARA  
SABER MAIS**

Biblioteca MWPT: [mwpt.com.br/biblioteca/](http://mwpt.com.br/biblioteca/)

FLOR, Carla da Silva Flor. Diagnóstico da acessibilidade dos principais museus virtuais disponíveis na Internet. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2009. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92907>>. Acesso em 22 Abr. 2021.

ROCHA, J. A. P. e DUARTE, A. B. S. Diretrizes de acessibilidade Web: um estudo comparativo entre as WCAG 2.0 e o e-MAG 3.0. Revista Inclusão Social, v. 5, n. 2, 11 dez. 2013. Disponível em <<http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1678>>. Acesso em 22 Abr. 2021.

SILVA, Míriam Célia Rodrigues; LOPES, José de Sousa Miguel. Entre a arte de comunicar e o ofício de ser acessível: estudo sobre os recursos de acessibilidade para visitantes com deficiência visual no site de um museu de Belo Horizonte. Revista acadêmica Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 28, e12, 2020. Disponível em <[www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010147142020000100505&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010147142020000100505&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 22 Abr. 2021.

# CRÉDITOS

**Banco do Brasil apresenta e patrocina**  
Encontros CCBB Sobre Acessibilidade Digital

**Realização**  
Centro Cultural Banco do Brasil

**Idealização**  
Tales Rocha | Agência Galo

**Curadora convidada**  
Simone Freire | Movimento Web para Todos

**Produção executiva**  
Tales Rocha e Thiago Rebouças | Agência Galo

**Coordenação geral**  
Tatiana Natsu

**Gestão com foco em acessibilidade digital**  
Suzeli Rodrigues Damaceno | Movimento Web para Todos

**Desenvolvedor com foco em acessibilidade**  
Espiral Interativa

**Criação de identidade visual do seminário**  
Espiral Interativa

**Desenvolvimento do website com foco em acessibilidade**  
Espiral Interativa

**Convidados do Movimento Web para Todos**  
Alexandre Ohkawa, Beto Pereira, Diniz Candido,  
Eric Klug, Isa Meirelles, Leandrinha Du Art,  
Leonardo Gleison Ferreira, Marcos Lima,  
Odilon Gonçalves, Paula Pfeifer, Reinaldo Ferraz  
e Simone Freire

**Convidados Agência Galo**  
Fernando Campos | Na visão do cego  
Viviane Panelli Sarraf | Museus acessíveis

**Revisão**  
Carlos Faraco

**Pesquisa**  
Haroldo Ceravolo Sereza

**Gestão financeira**  
Wellington Fernandes | Agência Galo

**Coordenação de divulgação**  
Mariana Nepomuceno | Agência Galo

**Assessoria de imprensa**  
Juliana Stern e Laiz Sousa

**Divulgação regional**  
Aline Ferreira – BH  
Mariana Nepomuceno – SP  
Pedro Brandt – DF  
Toni Oliveira – RJ

**Design do catálogo**  
Mateus Tenuta | Estúdio Gelo Limão

**Gestão de campanha em redes sociais**  
Daniela Buono | Digital Better

**Relações públicas em meios digitais**  
Alessandra Sayers | Agência Galo